

HÁ DUZENTOS ANOS DO SEU NASCIMENTO, O QUE KARL MARX TEM A OFERECER AO SÉCULO XXI?

Frederico Jorge Ferreira Costa¹

Resumo

O presente ensaio, referindo-se ao bicentenário de nascimento de Karl Marx (1818-1883), pretende destacar três elementos centrais de sua trajetória. O primeiro é o caráter e os fundamentos teórico-políticos de seu pensamento. O segundo é a natureza do seu método e a postura antidogmática de sua atividade militante. O terceiro é a atualidade de Marx para a crítica do existente e para as possibilidades de alternativa ao capitalismo.

Palavras-chave: Karl Marx. Capitalismo. Século XXI. Emancipação Humana.

TWO HUNDRED YEARS AFTER HIS BIRTH, WHAT DOES KARL MARX HAS TO OFFER TO THE 21ST CENTURY?

Abstract

The present essay referring to the bicentennial of birth of Karl Marx (1818-1883) intends to highlight three central elements of his trajectory. The first is the character and theoretical-political foundations of his thought. The second is the nature of its method and the antidogmatic posture of its militant activity. The third is the current of Marx for the criticism of the existing and the possibilities of alternative to capitalism.

Keywords: Karl Marx. Capitalism. XXI century. Human Emancipation.

INTRODUÇÃO

Poucos homens impactaram o mundo, com sua obra, como Marx. A morte de Karl Heinrich Marx, em 1883, passou quase despercebida pela grande imprensa. De acordo com Mehring (2013) e Sperber (2014), a cerimônia funerária foi quase íntima: Eleanor (1855-1898), uma de suas filhas; seus dois

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará- UFC. Professor da Universidade Estadual do Ceará (FACEDI/UECE). E-mail: frederico.costa@uece.br.

genros, Paul Lafargue (1842-1911) e Charles Longuet (1839-1903); dois cientistas, o químico Carl Schorlemmer (1834-1892) e o biólogo Ray Lankester (1847-1929); e, velhos camaradas dos tempos da Liga Comunista, Friedrich Engels (1820-1895), Friedrich Lessner (1825-1910) e Georg Lochner (1824-?). No entanto, em um curto período de tempo, o nome e as ideias de Karl Marx adquiriram uma capilaridade tão célere quanto as conexões do mercado capitalista mundial. Como afirma Musto (2015, p.07),

Seu nome apareceu prontamente nos lábios dos operários de Detroit e Chicago, e nos primeiros socialistas indianos em Calcutá. Sua imagem formou parte do cenário do primeiro congresso bolchevique em Moscou, logo após a revolução. Seu pensamento inspirou os programas e estatutos de todas as organizações políticas e sindicais do movimento operário, desde a Europa continental até Shanghai. Suas ideias transformaram a filosofia, a história e a economia de maneira irreversível.

Discutir Marx no século XXI implica questões como: o valor que sua obra teve e conserva hoje; sua influência política nos séculos XIX e XX; a relação entre suas propostas e as experiências do denominado “socialismo real”; a atualidade de sua teoria e de suas indicações políticas para a luta de classes contemporânea. A resolução dessas perguntas só pode ser incompleta, mas a busca por respostas, mesmo que sejam provisórias, é essencial para militantes e pesquisadores vinculados ao objetivo de superar o capitalismo.

Um primeiro passo pode ser o de identificar o caráter de Marx e de sua obra. Friedrich Engels (1820-1895), seu colaborador mais próximo, em seu *Discurso diante do túmulo de Marx*, indicou o tipo de atividade do grande pensador e a natureza de suas contribuições. Marx não era um teórico acadêmico nem um militante prático irracionalista,

[...] Marx era, antes do mais, revolucionário. Cooperar, desta ou daquela maneira, no derrubamento da sociedade capitalista e das instituições de Estado por ela criadas, cooperar na libertação do proletariado moderno, a quem *e/le*, pela primeira vez, tinha dado a consciência da sua própria situação e das necessidades, a consciência das condições da sua emancipação – esta era sua real vocação de vida. A luta era o seu elemento. E lutou com paixão, uma tenacidade, um êxito, como poucos (ENGELS, 1985, p. 180).

Como revolucionário, Marx descobriu, ainda de acordo com Engels (1985), a “lei do desenvolvimento da história humana” e a “lei específica do

movimento do modo de produção capitalista”. Noutras palavras, Marx: 1) tornou inteligível a história como processo de autocriação humana, tendo como fundamento último o metabolismo teleologicamente orientado entre seres humanos e natureza; 2) por meio de sua crítica à economia política, não buscou “leis universais da economia”, mas apreendeu os processos de origem, surgimento, desenvolvimento, decadência e superação de uma forma social determinada - o modo capitalista de produção. Isso não foi feito de uma maneira passiva, apenas como reprodução subjetiva de um objeto que dita as possibilidades e método para conhecê-lo, pois, para Marx, conhecer é práxis, é intervir na realidade social para transformá-la radicalmente. Afinal, segundo ele, “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (MARX, 2010, p. 535).

A partir de Marx e Engels, desenvolveu-se toda uma tradição, no mínimo, polissêmica e, na maioria dos casos, reivindicando para si “a perspectiva inaugurada por Marx”, além de ser repleta de divisões e subdivisões, como por exemplo: o marxismo da II Internacional, o marxismo-leninismo soviético, a Escola de Frankfurt, o marxismo estruturalista, o marxismo libertário ou o marxismo analítico, entre outras leituras. O resultado desses discursos reivindicativos de Marx é uma série de contribuições e aprofundamentos, mas é também um conjunto de incompreensões e deformações.

Não se pretende aqui fazer um balanço a partir de mais uma “perspectiva inaugurada por Marx” em busca de uma idealista “causa primeira”. Assim, estar-se-ia inaugurado uma nova fé, com mitos e argumentos circulares, além de dogmas, escrituras sagradas e clero. Um “renascimento do marxismo”, como o proposto por Lukács, necessário na atual crise capitalista, que ameaça a própria existência da espécie humana, pressupõe uma imersão na obra marxiana em busca de seu sentido revolucionário radical.

Algumas vezes, Marx é apenas lembrado como o pensador que inaugurou uma nova forma de fazer filosofia e ciência, o que é comum em certas esferas do espaço acadêmico, deixando na sombra sua atividade revolucionária na luta de classes. Marx, com Engels, foi militante da Liga dos Comunistas, interveio efetivamente no processo revolucionário de 1848-1849 na Alemanha, destacou-se na direção da Associação Internacional dos Trabalhadores - AIT,

contribuiu com a organização de partidos operários, aportou importantes subsídios para a estratégia e táticas do proletariado em sua luta pela conquista do poder político, tematizou sobre sindicatos, colonialismo, educação, revolução permanente, opressão nacional, matemática, descobertas científicas, dentre outros. Se esse aspecto não for levado em consideração, categorias como trabalho, método, emancipação política ou trabalho associado tornam-se entidades metafísicas desencarnadas do processo concreto da luta de classes. Pois, “[...] só é possível conquistar a libertação real [...] no mundo real e pelo emprego de meios reais” (MARX;ENGELS, 2007, p. 29) e, o comunismo não é “[...] um *estado de coisas* [...] que deve ser instaurado, um ideal para o qual a realidade deverá se direcionar”, mas “[...] o movimento real que supera o estado de coisas atual” (MARX; ENGELS, 2007, p. 38).

Uma primeira aproximação, no bicentenário de Marx, ao marxismo como um conjunto de coordenadas teórico-práticas em constante movimento, isto é, enquanto práxis revolucionária, ontologicamente lastreada e socialmente vinculada a interesses classistas, é o objetivo deste ensaio.

Para isso, num primeiro momento, indica-se a especificidade de seu pensamento como uma resposta às contradições e aos problemas da sociabilidade capitalista. Depois, apresenta-se a natureza necessariamente aberta da postura revolucionária inaugurada por Marx. Finalmente, afirma-se a necessidade dos aportes de Marx para a luta de classes no século XXI. Marx ainda está presente na possibilidade de efetivação da emancipação humana.

1 UMA GRANDE RESPOSTA ÀS CONTRADIÇÕES DO CAPITALISMO E DA SOCIABILIDADE BURGUESA

Marx, em carta a Arnold Ruge (1802-1880) de setembro de 1843, afirmou três posturas às quais seria fiel até o final de sua vida: 1) o princípio materialista ontológico de “não antecipar dogmaticamente o mundo, mas encontrar o novo mundo a partir da crítica ao antigo”; 2) a “*crítica inescrupulosa da realidade dada*, inescrupulosa tanto no sentido de que a crítica não pode temer os seus próprios resultados quanto no sentido de que não pode temer os

conflitos com os poderes estabelecidos”; 3) não fincar uma bandeira dogmática, mas “procurar ajudar os dogmáticos a obter clareza quanto às suas proposições” (MARX, 2010, p. 70-71).

Com isso, elaborou uma resposta às contradições nascidas da consolidação do capitalismo e da sociedade burguesa no século XIX a partir do lugar histórico e dos interesses do novo sujeito social emergente: o proletariado.

Para isso, Marx realizou um diálogo crítico com três tradições intelectuais e políticas² que expressavam o movimento contraditório do mundo burguês. O processo de crítica inescrupulosa de Marx envolveu simultaneamente negação, afirmação e elevação de categorias das estruturas conceituais criticadas.

O primeiro bloco conceitual foi a economia política clássica, que conforme Netto e Braz (2006), não se tratava de uma disciplina especializada que procurava “recortar” um “objeto” específico, o “econômico”, e analisá-lo; embora sua atenção estivesse centrada em questões relativas ao trabalho, ao valor e ao dinheiro. O interesse de Marx era compreender o conjunto das relações sociais que estava surgindo na crise do Antigo Regime, das entranhas do mundo feudal. Devido ao fato de a Inglaterra ter sido vanguarda no processo de produção capitalista, na economia política, há uma hegemonia britânica, com pensadores como William Petty (1623-1687), John Locke (1632-1704), Thomas Hobbes (1588-1679) e David Hume (1711-1776), até seus maiores representantes Adam Smith (1723-1790) e David Ricardo (1772-1823). Há também uma tradição francesa da economia política com François Quesnay (1694-1774), Anne Robert Jacques Turgot (1727-1781), mais tarde, Jean de Simondi (1773-1842) e Jean-Baptiste Say (1767-1832), por exemplo. Marx submeteu todos esses autores, e outros no decorrer de sua vida, a uma crítica radical, em especial, em sua obra póstuma, chamada de *Teorias da mais-valia, Livro IV de O capital* (1987, 1983, 1985), editado entre 1905-1910 por Karl Kaustsky (1854-1934).

O segundo bloco conceitual que compõe a teorização marxiana é a reflexão filosófica, que, para ele, originou-se com os gregos. Sua tese de doutorado foi sobre a relação entre as filosofias de Demócrito (460 – 370 AEC)

² Perspectiva posta por Karl Kautsky (2002) e retomada por Lênin (1977).

e Epicuro (341-270 ou 271, AEC). Marx possuía um profundo conhecimento da obra de Aristóteles, bem como de outros filósofos antigos. Também, possuía vasto conhecimento da filosofia moderna, dialogando criticamente com a obra de Baruch Espinosa (1632-1677), René Descartes (1596-1650), Francis Bacon (1561-1626) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Além da apropriação da tradição crítico-filosófica alemã como Gottfried Leibniz (1646-1716), Immanuel Kant (1724-1804), Johann Fichte (1762-1814), Friedrich von Schelling (1775-1854). Em especial destaque, estão Georg Friedrich Hegel (1770-1831) e Ludwig Feuerbach (1804-1872). Com Hegel, é indicada, mesmo de maneira idealista, a estrutura dialética do real; com Feuerbach, apresenta-se a necessidade a priori ontológica do ser em relação à consciência. Por fim, não deve ser esquecido, segundo Costa (2018), o clima crítico provocado pelo grupo que, depois, seria identificado como “jovens hegelianos” ou “esquerda hegeliana”, nas décadas de 1830 e 1840, e que o influenciou profundamente.

A terceira tradição com a qual Marx dialogou criticamente superando-a foi a do emergente movimento operário, do denominado socialismo utópico e das correntes comunistas. À época, essa tradição era fundamentalmente francesa, embora possa ser rastreada nas obras de Thomas Morus (1478-1535), Tommaso Campanella (1568-1639) e Francis Bacon. E, no inglês Robert Owen (1771-1858) que elaborou projetos utópicos e, além disso, procurou efetivá-los na prática. Na França, modelo clássico de revolução burguesa, no período de 1830 e 1840, ocorreu uma grande explosão de pensamento utópico inspirada em escritos do Conde de Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837) e Graco Babeuf (1760-1797). Num contexto de acirramento das contradições entre capital e trabalho, destacam-se também as ideias de Étienne Cabet (1788-1856), Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), August Blanqui, (1805-1881), Victor Considerant (1808-1893) e Floran Tristan (1803-1844). Em meio a efervescência contestatória dos anos 1840, muitos radicais resolveram chamar a si mesmos de comunistas. De acordo com Hobsbawn (1987), o “Premier Banquet Communiste” ocorreu em 1840. Marx estava imerso nessa tradição, especialmente em Paris, antes de ser expulso, em 1844.

A crítica superadora de Marx parte das respostas que foram dadas aos problemas postos pelo desenvolvimento da sociedade humana, em especial da

sociedade moderna. Marx compara esse material com a própria realidade, em uma postura ontológica, expondo um conjunto de coordenadas teórico-práticas com vista a transformar radicalmente a sociabilidade burguesa. Harvey (2013) indica o método marxiano através de uma imagem interessante: como um conhecimento novo que surge do ato de tomar blocos conceituais radicalmente diferentes, friccioná-los uns contra os outros e fazer arder o fogo revolucionário, isto é, combinando tradições intelectuais divergentes para criar uma estrutura completamente nova e revolucionária para o conhecimento.

Nesse processo, que durou toda vida de Marx, constitui-se uma nova forma de fazer filosofia e ciência, que revela os mecanismos próprios do funcionamento concreto das relações sociais capitalistas como uma realidade histórica. Noutros termos, o capitalismo não é uma relação natural, eterna e imodificável. Tal descoberta garantiu a Marx o ódio dos capitalistas de todas as épocas.

Partindo dessa descoberta, Marx desconstruiu as mistificações da economia clássica. Detrás das categorias da economia política se ocultava a perspectiva de apresentar como natural e eterno o capitalismo, expressando o fetichismo da mercadoria e do dinheiro. A crítica à economia política realizada por Marx revelou o capital como uma relação social sujeita às suas próprias contradições.

Marx, por meio de uma crítica demolidora, não apenas descobriu o lugar do capitalismo na história, mas, partindo das contradições e tendências da sociedade burguesa, descortinou a possibilidade de uma sociabilidade alternativa, uma sociedade emancipada na qual os produtores associados regessem seus próprios destinos.

2 A POSTURA MARXIANA DE UMA CRÍTICA RADICAL SEMPRE ABERTA

Como dito anteriormente, Marx instaurou o método de uma crítica inescrupulosa da realidade, como expressão dos interesses históricos do proletariado, cuja coluna vertebral é uma postura antidogmática e sempre aberta. Por isso, o marxismo contém a capacidade imanente de “[...] reinventar-se,

constantemente, ampliando seu conteúdo empírico e também teórico, para poder abarcar aspectos cada vez maiores da realidade histórica em um mundo cada vez mais interconectado” (FOSTER, 2018, p. 12)³.

A postura teórico-revolucionária de Marx, por seu fundamento ontológico-materialista, científico e proletário, é necessariamente incompleta por três elementos básicos: 1) a incapacidade de uma só pessoa, por mais genial que fosse, de formular uma resposta final tão ampla que abarcasse todas as dimensões da realidade social; 2) a natureza infinita do ser, ou seja, a constatação ontológica de que a realidade em si é sempre mais rica do que o conhecimento que se tem dela; 3) a base social, da qual o marxismo é expressão teórica e política, o proletariado em seu movimento de luta pela emancipação social e comunismo.

Todas as posturas dogmáticas, em maior ou menor grau, historicamente, no seio do marxismo, vinculam-se dentro da negação dessas coordenadas apresentadas. Aqui três exemplos ilustrativos de ruptura com a postura instaurada por Marx: o marxismo da II Internacional, o marxismo-leninismo soviético e o marxismo acadêmico.

A Internacional Operário Socialista ou II Internacional, constituiu-se como uma federação de partidos socialdemocratas. Sua estruturação expressou, em destaque, as seguintes determinações: 1) o fortalecimento e o crescimento gradual dos movimentos socialistas e dos sindicatos depois da derrota da Comuna de Paris em 1871; 2) a perda do monopólio industrial da Inglaterra com o conseqüente desemprego e crise econômica que levaram a um novo sindicalismo; 3) o processo de lutas do movimento operário alemão; a constituição de partidos operários, e, 4) o deslocamento de um setor da intelectualidade para o movimento socialista. O marxismo foi considerado doutrina oficial da Segunda Internacional desde 1896.

O pensamento marxiano, indubitavelmente crítico e aberto, no entanto, foi colocado de refém pela pressão do clima cultural da Europa de fins do século XIX – positivista, evolucionista e cientificista -, e pelo reformismo hegemônico no movimento operário.

³ “Todas as traduções de textos estrangeiros são minhas”.

Estes processos deram lugar a uma doutrina esquemática, uma interpretação evolucionista elementar empapada em um determinismo econômico: o marxismo da II Internacional (1889-1914). Guiado por uma crença firme ainda que ingênua no progresso automático da história, e na inevitável substituição do capitalismo pelo socialismo, resultou incapaz de compreender os acontecimentos reais, e ao romper o necessário vínculo com uma práxis revolucionária, produziu um tipo de passividade fatalista que contribuiu para a estabilização da ordem existente (MUSTO, 2015, p. 9-10).

O marxismo-leninismo soviético sistematizou o processo de degeneração e burocratização da Revolução Socialista Russa, levando a uma maior sistematização e vulgarização rígida do pensamento não só de Marx e Engels, mas de Lênin. Um monismo simplista, segundo o qual as transformações superestruturais da sociedade dão-se simultaneamente às mudanças econômicas, que tem como modelo os processos naturais. O marxismo-leninismo revelou-se uma ideologia que tornou operativa e justificou a perda do poder político do proletariado soviético para burocracia.

É em 1923 que apareceu a palavra “leninismo”. Ela era oposta, então, na cúpula do aparato, àquilo que era chamado de “trotskismo”, isto é, o *corpus* de ideias que prevalecera no tempo da vitória do bolchevismo e de seus dias seguintes imediatos. Ele se tornará, logo em seguida, o “marxismo-leninismo”. Ele designa de fato, - e isto é novo – uma verdadeira ideologia, o que não era antes o pensamento marxista em sua diversidade, nem a de Lênin em sua flexibilidade. Em certo sentido, ele se reveste com a forma de uma crença que se encarna num catecismo e numa série de fórmulas e de receitas e de receitas que recortava as citações dos textos de Lênin e as separavam de seu contexto. O vocabulário é novo, diferente do antigo e se opõe, em diversos sentidos, a ele. Algumas palavras tornam-se corriqueiras, mas passam a designar uma atitude de maneira radicalmente nova, como “desvio”. Outras, pouco empregadas antes, raramente, ou, ao menos, mais raramente, surgem ou ressurgem, carregando, algumas vezes, conotações positivas, pois implicam noções de unanimidade, de dogma e disciplina. É assim que o partido ideal torna-se “moldado na mesma forma”, “monolítico” “soldado”, e que o aparato torna-se uma verdadeira “coluna vertebral”. O partido está “cercado de inimigos”, a luta de classes não para de agravar e a vigilância contra os inimigos internos torna-se um dos deveres essenciais numa fortaleza sitiada por todos os lados. A nova noção de crítica e autocrítica é a imagem dessa mudança. Ela não significa absolutamente que subsiste o direito de crítica amplamente usado pelos bolcheviques entre eles mesmos no período da luta pelo poder e nos dias seguintes de outubro de 1917. Pois a crítica interna torna-se agora o sinal por que os inimigos traem-se, mesmo se eles são ainda “inimigos objetivos”. A direção, por outro lado, tem o direito e o de exercer contra os membros sua “crítica” e os obrigar, assim, à “autocrítica” (BROUÉ, 2007, p. 762-763).

Em relação ao marxismo acadêmico, é interessante contextualizar que as denominadas “ciências sociais” nasceram e se desenvolveram nos marcos

das universidades e instituições burguesas. Esse, no entanto, não é o caso do marxismo.

Desde Marx e Engels, passando por Lênin (1870-1924), Trotsky (1879-1940), Gramsci (1891-1937), Rosa Luxemburg (1871-1919) e Lukács (1885-1971), por exemplo, o marxismo foi elaborado e enriquecido no contexto dos interesses do movimento operário em luta por sua emancipação política e social, no entanto, sua influência transbordou os marcos da esfera dos organismos proletários.

De fato, até a seqüela da Segunda Guerra Mundial, o marxismo era quase excluído do ensino das universidades burguesas: aos olhos de economistas, de sociólogos e de historiadores, passava por uma doutrina filosófico-política, enquanto que aos olhos dos filósofos era considerado geralmente como um sistema econômico. Para uns e outros, seu caráter “partidarista” justificava dita exclusão. Porém, desde 1950, sob a pressão da nova relação entre as forças sociais no mundo, o marxismo “fez sua entrada” nessas mesmas universidades. Ali passou a ser tratado como uma “teoria” entre outras e se fizeram esforços para integrá-lo a uma herança intelectual global, a despeito de suas origens e de sua natureza radicalmente antiburguesa (FOUGEYROLLAS, 1995. p. 159).

Aqui surge uma contradição entre o marxismo e a atividade acadêmica. Primeiro, como foi visto, Marx dialogou criticamente com três tradições ou blocos conceituais: a filosofia clássica alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês. Isso significa que o marxismo, em última instância, não é redutível a nenhuma disciplina acadêmica existente. Segundo, como o objeto de estudo de Marx, e também de Engels, foi a sociedade burguesa e suas possibilidades de superação, o marxismo põe sob suspeita a divisão intelectual do trabalho na universidade, já que é comum à vida acadêmica a separação entre investigações de economia, sociologia, história e filosofia, simultaneamente a uma perspectiva de inúmeras especialidades de alcançar uma objetividade totalizante independente da luta de classes inerente à sociedade e constitutiva de seus vários momentos.

A consequência imediata da entrada do marxismo na universidade foi: 1) sua fragmentação na divisão do trabalho universitário, 2) seu distanciamento da dinâmica do movimento operário e 3) seu esquartejamento em inúmeras “seitas” acadêmicas impregnadas de matizes e subdivisões que, muitas vezes,

impedem a compreensão da tradição marxista como unidade e diversidade na luta contra o capitalismo.

Ao expor os exemplos acima, não se negam as contribuições importantes de pensadores individuais. Há contribuições importantes nas obras de Karl Kautsky, Georg Plekhanov (1856-1918) e Antonio Labriola (1843-1904), no contexto da II Internacional; bem como em textos de inúmeros intelectuais vinculados a partidos comunistas stalinistas, como aqui no Brasil, Nelson Werneck Sodré (1911-1999), Caio Prado Júnior (1907-1990) e Jacob Gorender (1923-2013), entre outros; e, nas pesquisas de um exército de acadêmicos críticos e engajados ou não nas lutas sociais pelo mundo. Indica-se, aqui, apenas algumas estruturas conceituais e práticas que se distanciam, em última instância, da postura inaugurada por Marx, marcadamente totalizante, aberta e radicalmente emancipatória.

Diferentemente de Hegel e do pensamento burguês em geral, Marx não apontou para um “fim da história”. Por sua postura ontológico-materialista, ele percebeu que a realidade em si é inesgotável porque a história é radicalmente aberta, um processo de transformação e desenvolvimento que possui como fundamento a automediação entre seres humanos e natureza. Marx e Engels, por isso, nunca duvidaram em mudar suas opiniões em resposta aos movimentos dos acontecimentos históricos.

O método de Marx (2011) vai do abstrato ao concreto, é a síntese de múltiplas determinações, por isso, Lukács (1982) afirma que o método marxista não parte de definições, pois estas fixam sua própria parcialidade como coisa definitiva e violam o caráter fundamental dos fenômenos.

O método marxista, ainda seguindo Lukács, é o das determinações, no qual estas são consideradas, desde o princípio, como coisas provisórias necessitadas de complementação. A determinação, enquanto expressão do movimento da realidade, é algo que substantivamente tem que ser continuada, desenvolvida, concretada. Assim, a postura metodológica das determinações de Marx possui uma duplicidade: 1) caracterizar o objeto de modo que se possa identificar sem confusões (capital, luta de classes, trabalho, proletariado, por exemplo); porém 2) não pretende que o ser-conhecido tenha já que encontrar a

esse nível sua totalidade, de tal modo que estivesse justificado deter-se nele definitivamente.

Para Marx, só é possível acercar-se ao objeto paulatinamente, passo a passo, em suas relações várias com objetos e processos diversos, de tal modo que a determinação inicial, ainda que não se destrua, se vai enriquecendo constantemente e se acercando à infinitude de processos a que se orienta. Esse movimento tem lugar nas mais diversas dimensões da reprodução intelectual da realidade e, por isso, não pode se considerar nunca encerrado, senão relativamente. Daí a postura de Marx ser sempre aberta e antidogmática.

3 MARX E A SUPERAÇÃO RADICAL DO CAPITALISMO NO SÉCULO XXI

A obra de Marx expressa um pensamento revolucionário, frutífero, em diálogo permanente e crítico com o mais valioso da ciência e o conhecimento do seu tempo. Marx se via como um devorador livros que se interessava por tudo o que se produzia em termos de conhecimento. O saber enciclopédico, que caracterizava Marx e surpreendia a quem o conheceu, não era acumulado sob a pretensão de acumular saberes e títulos, mas se destinava a ser matéria-prima de uma elaboração muito original, cujo objetivo era alimentar a luta dos trabalhadores contra o capital. Marx dialogava com a ciência do seu tempo na perspectiva de um saber a serviço da humanidade. Eis um exemplo para guiar a atividade dos intelectuais orgânicos e dos militantes que enveredam pelo caminho anticapitalista aberto por Marx.

Nesse esforço intelectual, Marx se apropriou do que havia de mais notável do pensamento de sua época, o fermento que nutria sua síntese crítica definindo-se como lutador revolucionário e comunista. Marx tornou-se comunista desde que rompeu com os “jovens hegelianos”, nos primeiros anos da década de 1840; ao perceber a desigualdade social e a exploração, abraçou como projeto de vida o ideário comunista, não como um conjunto vazio e genérico de dogmas ou receitas, senão como um projeto vivo em permanente construção. Luta de classes, trabalho abstrato, ditadura do proletariado, período de transição, comunismo, não são tipos ideais, mas expressões de contradições reais.

O vínculo com os interesses do proletariado e a possibilidade objetiva de emancipação social levou Marx a chocar-se contra o capitalismo e os poderes estabelecidos de seu tempo. Marx, como já foi dito, nunca foi um intelectual de gabinete: como redator da Gazeta Renana colocou-se a favor dos camponeses e contra a censura; viajou, antes que lhe prendessem, para a França e procurou organizar a luta pela unificação revolucionária da Alemanha, foi expulso; como membro da Liga dos Comunistas, na Bélgica, realizou atividades com operários e participou de clubes democráticos, expulso novamente; com Engels, escreveu o primeiro programa revolucionário do proletariado, o “Manifesto do partido comunista”; explodiu a “primavera dos povos”, foi para a Alemanha, mesmo sob risco, editou a “Nova Gazeta Renana”, ao lado de Engels, participou da organização do proletariado e dialogou criticamente com os setores democráticos, a revolução foi derrotada, refugiou-se na Inglaterra; em Londres, iniciou a sistematização dos estudos de sua *opus magna*, O capital; sem nunca deixar de lado a militância proletária, foi dirigente da Associação Internacional dos Trabalhadores – AIT; apoiou e retirou lições da primeira revolução proletária, a Comuna de Paris, na qual os trabalhadores franceses tomaram o poder por setenta e dois dias. Tal engajamento teve seu preço. Marx foi perseguido, exilado, caluniado, ameaçado e a miséria o alcançou.

Porém, jamais transigiu nos princípios, exemplo de intelectual militante. As dificuldades se transformaram em impulsionadoras da busca intelectual e política, confirmavam, pela dimensão negativa, a verdade de sua crítica à sociedade burguesa.

No século XXI, a voracidade do capitalismo em crise, a resistência de explorados e oprimidos, o crescimento mundial da extrema-direita e a necessidade de uma alternativa emancipatória exigem a volta de Marx, na feliz expressão de Casas (2017), como “nuestro compañero”. Não um Marx “insípido”, à margem dos combates concretos e compromissos políticos socialistas, mas o Marx dirigente e cúmplice das lutas operárias. Não o Marx mumificado das citações e estátuas, mas o pesquisador infatigável, o polemista mordaz, o crítico inescrupuloso do real e o combatente pela emancipação humana,

[...] a emancipação humana só estará plenamente realizada quando o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão abstrato e se tornado *ente genérico* na qualidade de homem individual na sua vida

empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais, quando o homem tiver reconhecido suas “forces propres” [forças próprias] como forças *sociais* e, em consequência, não mais separar de si mesmo a força social na forma de força *política*. (MARX, 2010, p. 54)

Aqui se radica a riqueza sempre viva do legado de Marx: o pensador do século de XIX, que em sua crítica radical ao capitalismo, convida a sublevarmos no século XXI.

REFERÊNCIAS

BROUÉ, Pierre. **História da Internacional Comunista (1919-1943)**: da atividade política à atividade policial. Tomo II. São Paulo: Sudermann, 2007.

CASAS, Aldo. **Karl Marx, nuestro compañero**: una invitación a conocer su vida e sus combates. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Herramienta, 2017.

COSTA, Frederico Jorge Ferreira. Breves indicações sobre o contexto histórico, os limites e as contradições da esquerda hegeliana. **Revista Dialectus**. n. 12. ano 5. jan-jun. 2018. Fortaleza: 2018. p. 265-283.

ENGELS, Friedrich. Discurso diante do túmulo de Marx. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas – Tomo III**. Lisboa/Moscovo: Edições “Avante!”/Edições Progresso, 1985.

FOSTER, John Bellamy. Marx y su crítica com final abierto. **Herramienta revista de debate y crítica marxista**. n. 61. Año XXII. Invierno de 2018. Buenos Aires, 2018.

FOUGEYROLLAS, Pierre. **Ciencias sociales y marxismo**. Cuartare impresión. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995.

HARVEY, David. **Para entender O Capital**: Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

HOBBSAWN, Eric J. Marx, Engels e o socialismo pré-marxiano. In: HOBBSAWN, Eric J (Org.). **História do marxismo vol. 1**: o marxismo no tempo de Marx. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KAUTSKY, Karl. **As três fontes do marxismo**. 5 ed. São Paulo: Centauro, 2002.

LÉNINE, V. I. As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo. In: LÉNINE, V. I. **Obras escolhidas em três tomos**. Tomo 1. Lisboa/Moscovo: Edições “Avante!”/Edições Progresso, 1977.

LUKÁCS, Georg. **Estética 1**: la peculiaridade de lo estético, cuestiones preliminares y de principio. Volumen 1. Barcelona: Grijalbo, 1982.

MARX, Karl. Ad Feurbach. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **Teorias da mais-valia, volume I**: história crítica do pensamento econômico: livro 4 de O capital. 2 ed. São Paulo: Difel, 1987.

MARX, Karl. **Teorias da mais-valia, volume II**: história crítica do pensamento econômico: livro 4 de O capital. São Paulo: Difel, 1983.

MARX, Karl. **Teorias da mais-valia, volume III**: história crítica do pensamento econômico: livro 4 de O capital. São Paulo: Difel, 1985.

MEHRING, Franz. **Karl Marx**: a história de sua vida. São Paulo: Sundermann, 2013.

MUSTO, Marcello. Introducción. In: MUSTO, Marcello et al. **De regreso a Marx**: nuevas lecturas y vigencia en el mundo actual. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial Octubre, 2015. p. 07-33.

MUSTO, Marcello. **O velho Marx**: uma biografia de seus últimos anos (1881-1883). São Paulo: Boitempo, 2018.

NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. **Economia política**: uma introdução crítica. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

SPERBER, Jonathan. **Karl Marx**: uma vida do século XIX. Barueri, SP: Amarelly, 2014.